

DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUEER

AUTOR

Henrique Romera SOUZA

Discente do Curso de Serviço Social- UNILAGO

Anoel Junior MAGRI

Docente do Curso de Serviço Social- UNILAGO

RESUMO

Este artigo aborda o processo do Desenvolvimento Socioafetivo de crianças e adolescentes Queer, os processos de exclusão social e abandono afetivo por eles sofridos, assim como suas devidas consequências, com objetivo final de, em sua conclusão, evidenciar sua importância para a atuação do Serviço Social.

PALAVRAS - CHAVE

Queer. Desenvolvimento. Infância. Adolescência.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura realizado por meio de pesquisa bibliográfica e documental onde foram consultadas as bases de dados SciELO, Pesquisas e Documentos Oficiais e Google Acadêmico por artigos com a temática envolvendo o objeto de estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Identidade Queer

Para efeitos de praticidade, pode-se definir a palavra "Queer" como um termo guarda-chuva que engloba todos aqueles cujas suas identidades fogem da heterocisnormatividade. Entretanto, a identidade queer vai muito além do seu uso prático.

Em seu livro Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, Butler (2003) argumenta que o gênero é uma construção social, uma performance. Antes da adoção do binarismo de gênero europeu, por exemplo, todas as sociedades nativo-americanas enxergavam tal preformismo como uma tríade. Um dos termos mais conhecidos e que, em respeito às culturas nativas, foi implementado na sigla LGBTQ+ é o Two Spirits, ou Dois Espíritos em tradução livre. Esse termo indica aqueles que nascem com tanto o espírito masculino quanto o espírito feminino imbuídos em seu ser. Diferente dos ataques que a população transsexual sofre hoje em dia, os nativos tratavam aqueles que se identificam como Two Spirits sendo seres mais evoluídos, curandeiros e conselheiros.

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26,)

Dizer-se uma pessoa queer neste momento ou em qualquer outro desde o início da era eurocentrista é inevitavelmente uma ação política, uma vez que é uma maneira de desafiar as normas de gênero e sexualidade, que são frequentemente usadas para justificar a discriminação e a violência. Para Butler (2010) "O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser". A identidade queer é uma maneira de desconstruir um padrão compulsório de ser.

É de imensa importância lembrarmos da Revolta de StoneWall de 1969, um marco histórico para a presença das pessoas LGBTQIA+ como parte integrante e insilenciável da sociedade, no qual os indivíduos participantes se cansaram da negligência do Estado em defender sua existência, que comprova o caráter inerentemente político de ser quem você é como pessoa queer.

Sendo assim, deve-se entender que, apesar do, relativamente, recente despertar social e recobrar de direitos, a identidade queer é inerente ao indivíduo humano. Logo, devemos abandonar o senso comum e a performatividade binarista imposta a nós e passarmos a ver a manifestação de gênero em seu vasto espectro.

2.2 Desenvolvimento Socioafetivo

O ser humano é intrinsecamente uma entidade biopsicossocial, como definido por George L. Engel em 1977. O indivíduo humano possui três camadas que o compõem e que impactam no seu desenvolvimento, sendo elas: a biológica, a psicológica e a social. Neste artigo será abordado, principalmente, os impactos da esfera social.

O termo “Desenvolvimento Socioafetivo” implica no desenvolvimento das habilidades emocionais e de sociabilização como a empatia, a formação de laços interpessoais e a construção de relacionamentos e interações sociais que são de suma importância para o desenvolvimento individual e a inclusão social.

Para o Serviço Social é indispensável que os indivíduos possuam um bom desenvolvimento socioafetivo, uma vez que isso impactará nas suas relações sociais cotidianas, nas quais se manifestam a Questão Social.

A matéria-prima do trabalho do assistente social (ou da equipe interprofissional em que se insere) encontra-se no âmbito da questão social em suas múltiplas manifestações – saúde da mulher, relações de gênero, pobreza, habitação popular, urbanização de favelas, etc.-, tal como vivenciadas pelos indivíduos sociais em suas relações sociais cotidianas, às quais respondem com ações, pensamentos e sentimentos [...]
(IAMAMOTO, 2015, p.100)

O Desenvolvimento Socioafetivo, que se inicia desde o primeiro contato da criança com as instituições sociais, no caso a família, possui diversos impactos na sua vida como: a capacidade de solidificação das relações sociais, a capacidade de gerenciar suas emoções, que é essencial para o bem-estar, o desenvolvimento cognitivo, afetando o desempenho escolar e acadêmico, a autoestima e a confiança, dentre outros aspectos.

2.3 Infância Queer

A infância é, com certeza, um dos momentos mais cruciais para o desenvolvimento das habilidades sociais. É nesse momento em que acontecem os primeiros contatos com as instituições sociais, ou seja, estruturas estabelecidas na sociedade que governam o comportamento e as expectativas de seus membros, como a família, a escola e a religião. Entretanto, para as crianças queer esse contato tão essencial é muitas vezes aterrorizante por si só.

Sendo a família uma instituição que emprega suas expectativas sobre o novo membro, o sentimento de frustração recai sobre qualquer criança que fuja dos padrões heteronormativos. A educação mais comum passada dos pais para seus filhos possui padrões típicos como: “homem não chora”, “isso não é brincadeira de menino”, “menino usa azul e menina usa rosa”, dentre diversos outros conformismos de gênero. A criança que está na fase de desenvolvimento de sua própria personalidade fica inibida a conhecer seu verdadeiro eu pelo medo de decepcionar sua família, o que compromete o seu autoconhecimento.

Quando em idade escolar, crianças LGBTQIA+, mesmo que ainda não se entendam como tal, costumam ser socialmente excluídas, causando uma sensação de estranheza e uma dificuldade imensa na formação de laços afetivos concretos. Isso torna-se ainda mais evidente para crianças transexuais e transgênero, uma vez que a formação da identidade de gênero se inicia logo cedo, por volta dos dois anos de idade, segundo uma publicação escrita pelo DR. José Luiz Setúbal ao instituto Pensi em 2018. Uma pesquisa realizada com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021) e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), divulgado pela CNN Brasil, entrevistou 120 pais, mães e responsáveis que reconhecem ter uma criança ou adolescente transgênero. Entre as pessoas entrevistadas, 77,5% informaram que seus filhos, crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, já foram vítimas de bullying e transfobia no ambiente escolar.

Neste momento, durante o qual o Estado e seus representantes insistem em fechar seus olhos para as crianças queer, torna-se essencial trazer a reflexão da autora e filósofa Beatriz Preciado: “Quem defende os direitos da criança diferente? Os direitos do garotinho que gosta de usar rosa? Da menininha que sonha em se casar com sua melhor amiga? Os direitos da criança a mudar de gênero se ela quiser? Os direitos da criança à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança de crescer em um mundo sem violência, nem sexual nem de gênero?”.

A infância queer não permite o autoconhecimento e, tão pouco, a formação de laços reais com a sociedade, uma vez que as instituições que acolhem essas crianças não estão preparadas para permitirem elas serem quem são. Assim, todas as relações sociais que permeiam o processo de formação da criança diferente, sempre trarão uma sensação de ser deturpada, um pouco mentirosa, talvez irreal.

2.4 Adolescência Queer

A adolescência representa, segundo Freud, o momento do desenvolvimento humano marcado pela separação do indivíduo dos seus pais. Além disso, é nessa fase em que a sexualidade e a identidade sexual atingem seu ápice e que a mente começa a ter a capacidade de questionar e refletir sobre termos abstratos. Portanto, essa é a época mais crucial para o direcionamento do futuro da vida da criança, agora adolescente, queer.

A partir do ponto em que o adolescente LGBTQ+ se compreende como tal, surge o sentimento de medo, angústia e a necessidade de poder ser quem é. Após a fatídica “saída do armário”, a vida do adolescente queer sofre uma drástica mudança no que se refere a suas relações sociais.

Uma vez que todas as instituições sociais possuem regras pré-estabelecidas de comportamento e expectativas a serem alcançadas, o adolescente enfrenta as consequências de destoar delas. Dentro da instituição familiar, os indivíduos queer tendem a sofrer uma profunda distanciação de seus parentes, mesmo dos que aceitam sua identidade, devido a quebra de expectativa inevitável, fragilizando os laços afetivos. Isso pode levar a drásticos resultados de marginalização do ser e a situação de rua. Segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo, que é a maior cidade das Américas, divulgada em 2023, entre 5,3% e 8,9% do total da população em situação de rua na capital pertencem à comunidade LGBTQIA+. Além disso, 63% dos jovens de 18 a 25 anos relatam sentir rejeição total ou parcial dos familiares após “saírem do armário” e apenas 59% revelam sua orientação sexual para a família.

Além disso, outras instituições sociais das quais o adolescente queer possa estar imerso, também tendem a sua rejeição. Quando analisamos as religiões, por exemplo, notamos que as mais influentes no território

brasileiro, sendo elas o catolicismo e o protestantismo, possuem notórias características que inclinam-se à LGBTfobia. Qualquer um que acompanhe o atual cenário político do Brasil está familiarizado com a proposta de lei nº580 de 2007, que está no seu ápice agora em 2023 e pretende criminalizar o casamento homoafetivo no Brasil. Essa PL tem como sua grande base defensora a infâmia “bancada evangélica”. Isso demonstra que o combate aos direitos humanos pertencentes a pessoas queer por religiosos é notória e já passou do campo dos dogmas e das igrejas.

“É preciso ir abrindo brechas para tentar minimizar os danos da política vigente. Uma política totalmente inclusiva ainda está longe. O máximo às vezes pode parecer o mínimo, mas o mínimo, para quem não tem nada, já é muita coisa.” (Deputada Erika Hilton – Discurso em plenária Câmara dos Deputados, 2023)

Para a esmagadora maioria dos adolescentes queer, até atingirem sua independência, não há, sequer, um segundo de plena paz sem sucumbir ao temor de ter sua vida destruída pelo ódio e pela exclusão social. O medo assombra os espíritos daqueles que são taxados de diferentes, e nada lhes resta além da esperança.

2.5 Consequências das dificuldades no desenvolvimento socioafetivo

Dado a todos os fatos apresentados anteriormente quanto a trajetória das crianças e adolescentes queer nas fases mais importantes para seu desenvolvimento social e afetivo, deve-se observar as consequências dos mesmos.

Para que haja uma maior compreensão da importância do desenvolvimento socioafetivo, é necessário evidenciar alguns dados referentes às consequências da exclusão social sofrida pelas crianças e adolescentes queer:

1. Segundo uma pesquisa realizada pelo defensor público João Paulo Carvalho Dias, presidente da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), divulgado pelas Notícias da UFSC, estima que no Brasil **82% das pessoas trans e travestis tenham abandonado os estudos ainda na Educação Básica.**

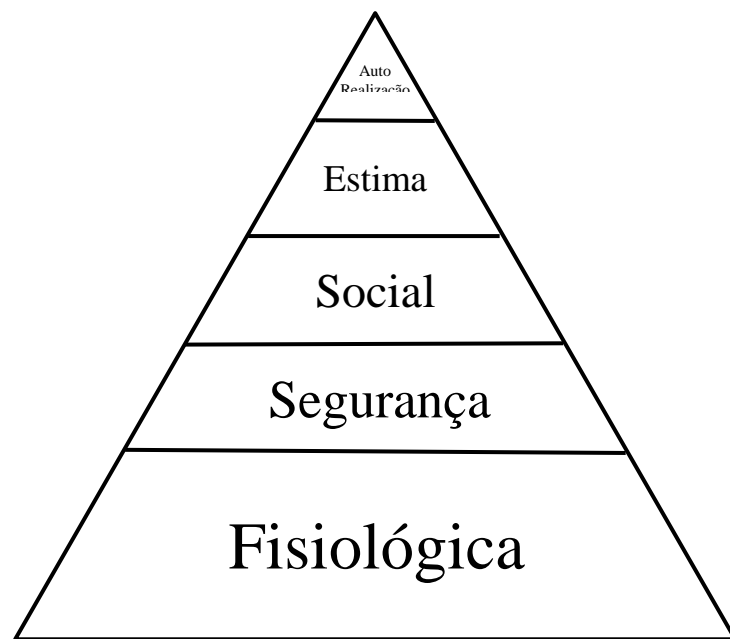
2. Estima-se que jovens rejeitados por sua família por serem LGBTQIA+ tenham 8,4 vezes mais chances de **tentarem suicídio**. Além disso, adolescentes gays são 5 vezes mais propensos a tentar suicídio do que os heterossexuais.

3. Estima-se que **27% da população LGBT esteja em situação de rua** na cidade de São Paulo. Somando ao fato de que quase dois terços dos jovens LGBT em situação de rua já tiveram problemas de saúde mental.

4. Segundo dados da Associação Brasileira de Psiquiatria, divulgados pela Metrôpoles em 2021, **21,6% das pessoas LGBTQIA+ estão desempregadas**. Enquanto o desemprego total no Brasil é de 14,4%, segundo IBGE.

Considerando os dados acima, é evidente que ser LGBTQIA+ acarreta impactos em todos os aspectos da vida de um ser humano como indivíduo social. O desemprego, a educação, a moradia, a saúde mental, dentre outros fatores são afetados pelo simples fato de ser quem é.

O psicólogo norte-americano Abraham H. Maslow criou o conceito da hierarquia de necessidades, que determina as condições exigidas pelo ser humano para atingir o bem-estar e a auto realização como observado na ilustração abaixo.



Fonte: Sistematização dos autores

Quando aplicamos a Pirâmide de Maslow a população LGBTQIA+, evidenciamos rapidamente que sua estrutura encontra-se comprometida desde a base. Para Maslow, a necessidade humana mais básica são as fisiológicas, como a sede, a fome e ter um abrigo. Entretanto, como já evidenciado anteriormente pelos dados apresentados, uma porcentagem alarmante dessa comunidade encontra-se em situação de rua.

Ao subirmos a pirâmide, a segunda necessidade a ser satisfeita é a da segurança, entretanto a lgbtfobia só foi criminalizada apenas recentemente, em 2019, deixando uma longa luta de conscientização e desconstrução de um pensamento já estruturalizado há gerações.

Logo em seguida, Maslow aborda as necessidades sociais, de sentir-se reconhecido, ter vínculos familiares e uma rede de apoio, o que encontra-se, na maioria dos casos, comprometido desde o momento em que o indivíduo queer torna sua identidade publicamente conhecida.

Por fim, antes da auto realização, o indivíduo humano necessita de estima, cujo estado precário para as comunidade LGBTQIA+ encontra-se já evidenciado pelos índices de suicídio.

O princípio da dignidade da pessoa humana é um dos pilares da nossa Constituição Federal. Contudo, onde está a vida digna dos indivíduos cujas necessidades são negligenciadas e esquecidas desde o momento da formação da sua identidade? Onde está a dignidade em ter sua voz silenciada em espaços públicos? Onde está a dignidade em ter uma política pública na qual os profissionais que a compõem não estão preparados para aceitar e compreender as nuances da sua necessidade?

3. CONCLUSÃO

Evidenciado todas as causas e consequências da exclusão social e abandono afetivo sofrido pelas crianças e adolescentes queer durante a fase principal do desenvolvimento socioafetivo, pode-se concluir que é indispensável a atuação do Serviço Social na defesa e proteção dos direitos da população LGBTQIA+, cuja dignidade e o respeito são constantemente atacados.

Deve-se recordar que a LGBTfobia é crime no Brasil desde 13 de junho de 2019, enquadrada na Lei de Racismo, que é a Lei nº 7.716/89. A consequência para a LGBTfobia, assim como o crime de racismo, é inafiançável e imprescritível. Aquele que ofender ou discriminar pessoas queer está sujeito a uma punição de um a três anos de prisão. Havendo divulgação ampla de ato homofóbico em meios de comunicação, como publicação em rede social, a pena será de dois a cinco anos, além de multa.

É indispensável ao Assistente Social a compreensão da identidade queer, da história da comunidade LGBTQIA+, das medidas que os protegem e suas peculiaridades sociais, a fim de fornecer o atendimento e o acolhimento necessários e devidos da forma mais respeitosa e apropriada possível.

Para os profissionais que buscam acolher a população LGBTQIA+, é essencial a compreensão da tensão política, do enfraquecimento dos laços familiares e da rede de apoio desses indivíduos e da exclusão sofrida por eles dentro dos serviços públicos e outras instituições.

A garantia do direito ao casamento homoafetivo, assim como a criminalização da lgbtobia, não se engendraram da boa vontade do Congresso Nacional, mas sim de uma luta árdua de décadas de uma população cansada de tolerar o desrespeito e a exclusão.

Trazer a população queer para dentro dos espaços institucionais e das políticas públicas exige do Serviço Social fazê-los serem visíveis, dar a eles uma voz, que seja forte o suficiente para ser ouvida mesmo através dos muros de preconceito levantados ao longo de séculos de discriminação. Para isso, a desconstrução do pensamento estrutural lgbtqfóbica deve começar dentro do próprio Serviço Social e seus profissionais.

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENTE SENADO. **Pesquisa revela que adolescentes LGBT sofrem 'bullying' e se sentem inseguros.** Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/22/pesquisa-revela-que-adolescentes-lgbt-sofrem-bullying-e-se-sentem-inseguros>. Acesso em 24 de outubro de 2023.

BRASIL. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016 as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais**, Um Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 256 p. ISBN 85-200-0441-1.

CRESS-SP. **Serviço Social nas lutas *LGBT+, por princípio ético e em defesa do direito à vida.** Disponível em: <<http://cress-sp.org.br/servico-social-nas-lutas-lgbt-por-principio-etico-e-em-defesa-do-direito-a-vida/>>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

CFESS. **Nós, mulheres transexuais e travestis, assistentes sociais de luta!** Disponível em: <<https://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1908>>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

CNN BRASIL. **77% dos jovens transgênero sofrem transfobia no ambiente escolar, diz estudo.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-diz-que-77-de-criancas-e-adolescentes-sofrem-transfobia-no-ambiente-escolar/>>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

FUNDO BRASIL. **A LGBTFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização** Disponível em: <www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfofia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/> Acesso em 25 de outubro de 2023.

INSTITUTO PENSI. Disponível em: <<https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/desenvolvimento-de-identidade-de-genero-em-criancas/>>. Acesso em 24 de outubro de 2023.

MEDEIROS, L. P., Amorim, A. K. de M. A., & Nobre, M. T. **Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua:** repensando identidades, normas e abjeções.

METROPOLES. **Segundo dados, desemprego afeta 21,6% da comunidade LGBTQIA+.** Disponível em: <<https://www.metropoles.com/dino/segundo-dados-desemprego-afeta-216-da-comunidade-lgbtqia>>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Pesquisa Observatório Socioassistencial.** Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_socioassistencial/pesquisas/index.php?p=18626>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.** Disponível em: <www.unfe.org/wp-content/uploads/2017/05/Bullying-and-Violence-PT.pdf> Acesso em: 25 de outubro de 2023.

UFSC. NeTrans: **UFSC tem primeiro grupo de pesquisa do Brasil criado por estudantes trans.** Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2019/01/netrans-ufsc-tem-primeiro-grupo-de-pesquisa-do-brasil-criado-por-estudantes-trans/>> Acesso em 06/12/2023.